

Vistas da cidade

Rapaz, da minha vida nesta cidade tem sido uma corrida de eléctricos a levantarem faúlhas dos carris, sem bandeirola nem destino. Desde miúdo, pá, desde a Professora Dona Emília da Escola 14 do Largo Leão que Lisboa foi para mim uma aventura de eléctricos a tilintar. Primeiro à boleia com polícias a ameaçar, hoje refastelado à janela, a percorrer a reforma de primeiro escritório da Companhia a caminho das três badaladas e um balde de cal entre ciprestes. Pelo meio ainda conheci as transvias do Arco Cego, Calvário, Xabregas e Estação de Santo Amaro, onde o condutor experimentado metia agulha para as tascas das iscas e petiscos.

De eléctrico apeava-me eu ao domingo nas “matinéas” dançantes do Clube Radiofónico de Portugal, com vista para a Igreja dos Anjos. Nessa época cultivava-se muito o espírito associativo, é preciso que se note. As damas encostavam-se de boa-fé e havia sempre uma “Nini, vestida de organdi”, fugida aos versos do Fernando Assis Pacheco para rimar com um galifão de golpes baixos e compassos ao ouvido. As Manas Montenegro, em peito de rola e todas rendadas, admiravam a juventude fogosa na companhia do Bombeiro Salema, que lhes oferecia uns copinhos de groselha para o rescaldo.

Era o tempo do Glenn Miller e do “boogie-woogie” — e que tempo, faz favor. Mas pelo meio havia boleros de cobra-capelo, fados-canções, “slows” de muito sentimento, e nessa altura ouvia-se uma voz máscula, de tenor, a percorrer a sala. Respeito, senhoras e senhores, porque aquilo que ali ia, cantando e conduzindo com altivez a dama da tarde, era o Joni Benamor, cançonetista da casa e vedeta do Natal dos Hospitais. Com ele, Satã comandava o baile numa nuvem encantada.

Mas um dia, lá para Pedrouços, numa das minhas viagens de eléctrico paro junto a uma sapataria e quem descobriu eu lá dentro, acorçado aos pés duma sujeita? Joni Benamor, o feiticeiro das donzelas do Clube Radiofónico.

Apeei-me para ver melhor. Loja pequena — “Sapataria Milu”, lia-se na porta — e ele, empregado único, com um patrão sonolento a vigiá-lo, calçava e descalçava uma mal-amanhada qualquer, com a nobreza e a soberberia de quem procura a chinelinha da Cinderela. Aí, confesso, desejei ouvi-lo, rodeado de caixas de sapatos, a entoar a sua voz de tenor sentimental.

Continuo de eléctrico, agora em viagem de aposentado. Já não há cantos ao romântico, Lisboa perdeu a arte.

Ainda há pouco, num eléctrico da madrugada, tive essa prova quando encontrei à minha frente, pegado no sono, um palhaço de chapéu de coco, colarinhos altos e concertina cansada. Entravam e saíam operários para começar o dia e era como se não o vissem, iam demasiado entontecidos para isso. Sono, marcha esquecida, tempo ausente. E então surgiram dois negros, dois pedreiros que, ao depararem com o palhaço adormecido, se iluminaram num sorriso de alegria.

O palhaço estremeceu lá no fundo do seu sonho. Abriu os olhos, pestanejou. E ao encontrar aqueles dois sorrisos tirou o chapéu e regressou à terra num cumprimento de artista.

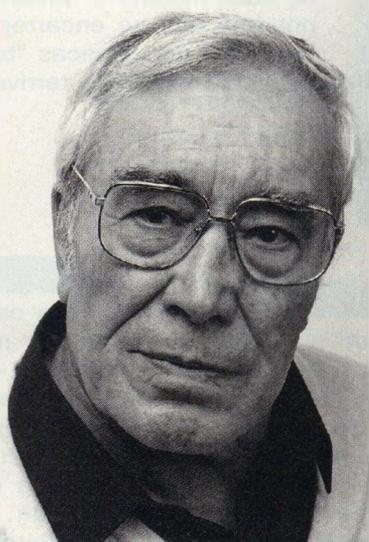
Um reformado em peregrinação contínua tem destes acasos mas tem também espectáculos certos, conforme a hora e a estação do ano. No Verão, por exemplo, apeio-me sempre no Terreiro do Paço e vou até ao Rossio dar uma olhadela às turistas de esplanada, onde há dias topei com uma calmeirona de cabelo à “punk”,

mama altiva e carinha de colegial, que era cá um destes panoramas de cegar e partir tudo à mocada. À volta, como quem não quer a coisa, andavam mirones de mão na algebeira da virilha a sacudir o badalo para despertarem a distraída. Só que para ela neste nosso país não se passava nada que valesse a pena. Até que de repente saiu da estação do Metropolitano um desmandado qualquer que se virou para alguém da ronda dos mirones e gritou:

“Eh, pá, isto hoje está porreiro, ainda agora roubaram ali uma miúda.” Parou de repente, e apontou, quase ofendido, a turista do cabelo à “punk”: “Mas que é isto, caraças? Olha-me aquela gaja, pá.”

Atravessei o Rossio e regressei ao eléctrico. Sempre dá para outras paisagens mais tranquilas, apesar dos carteiristas.

No Verão, por exemplo, apeio-me sempre no Terreiro do Paço e vou até ao Rossio dar uma olhadela às turistas de esplanada, onde há dias topei com uma calmeirona de cabelo à “punk”, mama altiva e carinha de colegial, que era cá um destes panoramas de cegar e partir tudo à mocada.



José Cardoso Pires